



# Dor de Existir

*Poemas sobre a Grandeza e  
o Absurdo da Vida*

Aimberê Amaral





AIMBERÊ BOTELHO DO AMARAL

DOR DE EXISTIR

1ª. Edição

Amaral, Aimberê Botelho do  
Fortaleza, Clube de Autores. 2024

ISBN

Clube de Autores

Ilustração de Capa pelo autor

[aimberh@ufc.br](mailto:aimberh@ufc.br)

Fortaleza

Edição do autor

2024



# Índice

Prefácio.....	15
Tânzia .....	35
Poema da Fidelidade .....	36
Os Esbarros de Sábado à Noite .....	38
Gambiarras de Fogo .....	40
Artistas.....	43
O Alienado.....	45
Poema Sujo.....	47
Sábado de Aleluia .....	49
Egoritmo.....	51
A Noite é Noturna .....	53
Insignificante Existir .....	57
Oito de Março .....	60
Amiga Dançarina.....	61

Ventos de Outono .....	63
A Mão Negra .....	65
À Mestra com Carinho .....	67
A Essência Voadora de Cuidar .....	68
Respiratória .....	70
Esperançoso Cangaço .....	72
A Graça do Viver .....	75
Ars Poetica .....	77
A Morte do Pombo Citadino .....	82
Canção Nordestina.....	84
Carnaval Revisitado .....	86
Carrapicho .....	88
Outono.....	90
O corpo em que habitam.....	92
Sensual Dia dos Namorados.....	94
Boi e Quadrilha na Noite Junina .....	98

Erótica Geometria .....	99
Extremidades .....	101
Miudezas de Amor .....	103
Manhã de Domingo .....	105
Asas para que vos quero .....	107
Húbris .....	109
Aniversário .....	112
Dona Liberdade talvez um dia .....	114
Eflúvios de um Corpo em Flor.....	116
Mulheres 2023 .....	117
Noturno de Gonzaga .....	120
Natal.....	126
Bichos .....	128
Noite de São João na Pandemia .....	130
Música de Ano Novo .....	132
O Universo .....	134

O Piauí do Sistema Solar .....	136
Réquiem .....	139
Pirilampos.....	140
O Novo Criador.....	143
Astrologia .....	144
Natal 2020.....	146
Microcosmo .....	148
Maradona .....	150
Artistas II .....	151
Na Beira-Mar .....	153
Artificial Inteligência .....	156
Poleiro das Almas.....	158
Passarinhos .....	161
Poema da Mãe.....	163
O Oriente que se mede.....	166
Reis.....	168

Tua Erótica Presença .....	170
Sursum corda cum planis .....	172
Primavera 2023 .....	174
A Ferrugem do Tempo.....	176
A Filósofa e o Tempo.....	178
A Rosca do Sem Fim Universal .....	181
A Nona de Beethoven .....	183
Arquétipos.....	186
Às Margens do Tapajós .....	190
Cachorras e Esquimós.....	193
Cinderela .....	198
Dante Revisitado .....	202
Dear John.....	205
Dia da Poesia.....	207
Dia dos Pais .....	210
Inverno em Fortaleza .....	213

Oração de Domingo.....	216
Maria Luíza.....	217
Natal 2022.....	220
No Cleiton Club.....	222
No Terreiro com Espíritos .....	225
O Conjurado.....	228
O Dia da Rainha .....	230
O Império Desejado .....	232
Oxóssi .....	235
Poema aos Deuses.....	236
Uiara.....	238
Memórias.....	242
A Guerra no Salão.....	244
Asas de Beija-Flor .....	246
Punhal de Cangaceiro .....	247
Dançando com Cher .....	250

Redondeza .....	252
Sobre a Quentura do Muro.....	253
Teresina .....	254
Magda .....	256
Acácia.....	258
Espartilhos.....	260
Sobreviver sem artistas?.....	262
A Casa Grande.....	265
Ano Novo Temporão .....	269
Canção para Duda .....	271
Ato de Horror e Esperança .....	274
Dia do Índio .....	277
Enigma Existencial .....	279
Chuvas de Abril .....	281
Na Beira-Mar.....	283
O Nada Revisitado .....	286



[Dor de Existir], por [Aimberê Amara!]

*Para minhas irmãs e irmãos.*

## Prefácio

Contrariamente à promessa de redenção humana de domar o primitivismo da espécie que a aflige em uma sanha egoísta inconsciente de sobrevivência ao mesmo temo que não substitui esta condição por uma correta administração do mundo pela racionalidade, o que se vê hoje é a insurgência do caos onde o fascismo é apenas a ponta de lança de uma ordem antiga, o capital, agora no apogeu de sua sofisticação, que tem se espalhado por todas as instâncias da vida ao curso de sua frieza reptiliana. Com seres humanos transformados em algoritmos, onde vender é a essência de tudo, os meios digitais são hoje as janelas onde carnes prostituídas pela busca instantânea da fama se expõem em imagens desprovidas de razão e dignidade. O mundo assistiu, indiferente, à destruição do simbolismo que era representado pela

existência da União Soviética e do Muro de Berlim. Aquela nova formatação do mundo era indicação de que o capitalismo poderia, afinal, evoluir esperançosamente para a instância superior do socialismo. Com a debacle, o que se seguiu foi a selvageria do imperialismo que, sem a brida de uma força de oposição, espojou-se no fomento de ditaduras de direita e guerras genocidas contra os emergentes, um quadro que atinge agora seus limites máximos de sofisticação, sendo protagonizado por agentes digitais, *lawfare* e hibridismo de dominação. O problema está posto para a humanidade no século vinte e um, ou seja, vencer pela graça da Arte a iniquidade do capital que agora atinge o auge da maldade por meio da coisificação de tudo, inclusive da alma humana que agora tem preço, algoritmo e a triste imagem da degradação como se vê nas hordas de deploráveis que, como mortos-vivos, em sabuja glorificação do opressor, vagam, agora sem máscara, pelas ruas e redes sociais,

revelando a triste condição de agentes do mal manipulados por seus algozes que se escondem nos nichos de poder onde se refestelam em pururuca e sobremesa condensada.

A existência de determinados extratos sociais dominados pelo obscurantismo, um *lumpen* que pode até ter seus meios materiais, mas que de fato se ressentido de profunda mendicância intelectual e é movido por pulsões freudianas reprimidas, não é nenhuma novidade no mundo. A denúncia das religiões, religiões essas alicerçadas sobre crenças originadas a partir de uma percepção primitiva do que seja sociedade, foi claramente feita por Marx quando ele escreveu que a religião é o ópio do povo. Como tal, as religiões estão condenadas à extinção, mesmo que seja após longo período de espera, quando os deuses que lhes dão consistência serão apenas um registro histórico, como são hoje as divindades

gregas. É claro que não se fala aqui no conceito de divindade que continua integral e inatacável, pois não existe, até hoje, qualquer explicação científica para o absurdo da existência senão por um modelo inefável fora do alcance da mente humana. As religiões saíram do id onde vagueiam os dragões do Éden e se configuraram neste modelo primitivo e feroz de luta por território, por direitos de reprodução, por privilégios de consumo e pelo exercício do poder, tudo engendrado por entre as brumas de uma região escura onde, por um desenho natural do cérebro, não brilha a luz da racionalidade que resplandece fora dali, mais precisamente, no córtex, mas que para ser acessada, precisa dos códigos originais da educação.

A existência é absurda. Se existir um criador, a existência dele, conforme uma percepção que ele próprio teria de si, seria absurda. Isso porque todo o universo está aprisionado no

paradoxo de uma espiral infinita que desafia e paralisa a mente com a tese de que não pode existir criatura sem criador. Um criador-origem-de-tudo não poderia existir porque ele próprio precisaria ser criado e isso geraria uma sequência infundável e paradoxal. Dizer que tudo veio do nada é outro pulo no vazio, pois o nada é tão absurdo que até um conceito ou definição para ele é impossível. A ideia do nada é apenas uma metáfora literária para expressar o espanto diante da descoberta do absurdo que se evidencia quando se chega ao impasse do esgotamento mental. No entanto, a matéria existe e ela pode se descobrir como tal pelos cinco sentidos, quando se vê, se ouve, se cheira, se prova ou se toca, ao se configurar em seres humanos, por exemplo, e diz que pensa, logo existe. Diante do desespero de não poder explicar a própria origem, perdido na espiral infinita do absurdo, o ser se socorre então da divindade a quem confere uma privilegiada e esperançosa existência, um

sacrário onde ela reside, confortavelmente, livre dos questionamentos da razão.

Tudo indica que, até este estágio a que chegou a humanidade, não há salvação coletiva. O entendimento da existência bem-sucedida, até agora, é que ela seja um projeto pessoal. As bases de negação do coletivo parecem se assentar sobre coisas tribais e primitivas que, no entanto, resistem até o presente. Os registros históricos mostram a falência dos projetos coletivos de redenção da humanidade, desde os celestiais, como é do Jesus Cristo, até aqueles de execução terrena como o de Canudos do nosso milenarista Antônio Conselheiro ou o de Luther King com seu sonho de redenção do povo negro norte-americano. A resistência ao coletivo se refugia na terra plana assentada pela mão de Deus sobre pilares. Eles sabem que a terra é redonda, mas querem curtir essa ilusão. Assim, são iguais aos fiéis do reacionarismo brasileiro, os jecas da *bigotria*

nacional, que desejam o avesso de tudo e lutam por um pertencimento a uma comunidade de pensamento único, uma confraria do mal. O que caracteriza o processo civilizatório é como a razão vai administrar esses arquétipos. O momento atual é crítico. A divindade está pedindo um sacrifício, só que, ao contrário do que fez com Abraão, não segura a mão da morte, mas a deixa livre para concretizar a oferenda no grande altar da humanidade onde o cutelo é a nano esfera sebosa de um vírus.

A linguagem, com sua insuperável força, pode ser, se quiser, uma arma carregada. O termo – cidadão - já adquiriu novo significado, quase um xingamento, ou um comando à submissão, como se viu recentemente no caso da mulher que se insurgiu grosseiramente ao rejeitar a palavra “cidadão” aplicada ao marido, comportamento pelo qual ela revelou sua condição de ressentimento e reacionarismo. No

entanto, é interessante se notar que a palavra, nessa sua nova vestimenta lexical, foi aplicada a alguém fora do ambiente em que ela é normalmente usada, daí a reação da mulher, uma vez que a conotação depreciativa do termo se originou de um conflito social costumeiramente ocorrido nas periferias do país e se caracteriza pela violência com que se dá a abordagem de habitantes oprimidos, quando o tratamento aparentemente respeitoso usado naquele momento pela autoridade policial encobre na verdade o enorme preconceito embutido contra aqueles a quem o estado deveria oferecer proteção, mas que são, de fato, cruelmente humilhados. Essa criminosa normalidade de uma prática escravocrata colonial continua até hoje, agora naturalizada numa nuvem de subjetividade negativa que se espalha de maneira difusa e hipócrita por toda a sociedade e que, como justiça poética, caiu sobre a mulher e o marido, dois desses alienados serviçais da Casa Grande.

A rocha se tornou líquida e, neste líquido decomposto em tabela periódica, se tornou a carne, macia, sanguínea, reprodutiva, pensante Estranhamente, nesta configuração líquido-rochosa, o que mais abunda é a palavra e não a matemática. Vivemos, pois, nesta interface, onde a realidade está escondida e até podemos percebê-la quando fazemos a comparação de seres humanos e urubus, por exemplo, e vemos que fomos direcionados para perceber cheiros e gostos, como atrativos ou repulsivos, conforme um desenho previamente concebido. O entendimento da cadeia alimentar e a resultante decisão de não cumpri-la, pode significar simplesmente a eliminação do ser. Teriam dinossauros descoberto esta realidade e, em função dessa decepção, escolhido o desaparecimento? Ora, se esta é uma interface, deve haver uma realidade do outro lado, absolutamente fascinante e arrebatadora, ainda assim, mesmo se comprovada, um problema insolúvel

[Dor de Existir], por [Aimberê Amaral]

continuará a existir no nível de percepção em que nos encontramos em nossa teia virtual: qual foi o momento zero da matéria quando nem mesmo o nada poderia existir ou tivesse qualquer validade argumentativa para explicar o começo de tudo?

Saudade de meu livro de geografia do passado em que Roraima era os Campos do Rio Branco! Enormes extensões de terra plana e vegetação natural baixa, uma ou outra árvore de grande porte quebrando a monotonia dos pastos naturais, onde se poderia criar gado sem ter de se devastar a floresta como fazem hoje no Maranhão ou no Centro-Oeste. Terra Brasilis que clama por produzir cheia de riquezas naturais, mas que jaz abandonada, exceto pela rapina de grileiros que avançam sobre reservas indígenas. Que povos somos nós estes brasileiros, que povos somos estes venezuelanos que vagamos indiferentes à riqueza a nosso redor? Que sonho é este do

velho Gilberto Freyre que via aqui o potencial de construção de um novo mundo tropical? E aí vêm as multidões de patricios que embarcaram na ilusão do petróleo que há muito foi dominado por corporações estrangeiras e que agora vão se juntar a outros tantos oprimidos confinados aos gigantescos guetos das periferias brasileiras. Fiquei de pé sobre aquela bela estrada pavimentada ligando nossos angustiados países, ouvindo o canto dos pássaros e o sussurrar da brisa em eterno canto de sedução que se perde nos ouvidos moucos de seus filhos seduzidos pela ilusão do consumo fácil que não terão em um mundo tosco e poluído.

Se existe algum consolo diante do incêndio, diga-se que a arte encontra-se em eterna reconstrução. A matéria que era calada, inerte, inconsciente, levanta-se, molda-se e ganha voz como quer o artista. No entanto, o tempo tece o sudário que vai vestir as coisas e aponta o

processo de perpétuo desfazimento, tudo regido pelo futuro na execução do presente que o vai tocando até ele se tornar o inofensivo passado a doer somente quando revelado numa lágrima trêmula de saudade.

Há uma boa expectativa de que a eternidade realmente exista. E não é aquela eternidade proposta pela fé, mas sim aquela que tem validação científica, considerando-se, é claro, que a pessoa possa sobreviver à estadia terrena e, em nova configuração, por exemplo, reencarnar, pois há espaço infinito no universo em bilhões e bilhões de estrelas e seus planetas que poderiam ser habitados, não por graça de impossíveis viagens espaciais, mas sim, por algum truque mágico saído do cadinho da divindade que tornasse possível essa incrível realidade. Os seres humanos poderiam voltar a viver, de posse de suas memórias, por bilhões e bilhões de anos sequencialmente e nunca faltaria espaço em um universo praticamente

infinito, como a ciência o conhece hoje. A pequenez da terra se revela insignificante para abrigar 7 bilhões, agravada pela devastação de que o planeta tem sido vítima, causada pela própria humanidade diante da possibilidade de infinitos espaços universais. Que uso teria a divindade para essas extensões sem limite? Talvez para que suas criaturas tivessem a oportunidade de contemplar a beleza de uma arte insuperável que se abre na glória da luz a se decompor em arco-íris e acena com a promessa de que o absurdo da existência pode ter, afinal, algum sentido.

Não é toa que inventaram o mundialmente famoso aforismo de que deus é brasileiro, pois além do conjunto de riquezas materiais que vai da água aos diamantes, passando pelo solo e seu enorme potencial de produzir, há, também, e talvez mais importante ainda, a invejável capacidade criativa e artística do povo da qual se pode extrair, como exemplo, dentre tantos,